

Mudança sintática no português brasileiro a perda de predicados complexos

Sônia Cyrino

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CYRINO, S. Mudança sintática no português brasileiro: a perda de predicados complexos. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 137-160. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Mudança sintática no português brasileiro: a perda de predicados complexos

Sônia CYRINO

Universidade Estadual de Campinas

Introdução

As línguas românicas apresentam o fenômeno denominado *subida de clítico*, em que, em uma estrutura com dois (ou mais) verbos, o clítico associado ao último verbo não aparece cliticizado a ele. O fenômeno é obrigatório nas seguintes estruturas:

a) Causativas (em que há um verbo causativo do tipo *faire* e um infinitivo, denominadas causativas *faire+infinitive*, FI):

- (1) a. O João **mandou comer** a sopa ao Pedro. [Português Europeu, PE]
b. Maria **fece riparare** la macchina a Gianni. [Italiano]
Maria FAIRE riparar.INF o carro a Gianni.
'Maria fez o Gianni consertar o carro'
c. Jean fera laver la voiture à Pierre. [Francês]
Jean FAIRE lavar.INF o carro à Pierre
'Jean vai fazer Pierre lavar o carro'.

b) Estruturas de tempos compostos:

- (2) a. O João não me tinha visto. [PE]
b. Gianni lo ha fatto. [Italiano]
Gianni it has done
'Gianni has done it'

c. Jean l'a lu. [Francês]
Jean it has read
 Jean has read it.

Porém, a subida de clítico é opcional nas construções de reestruturação, isto é, naquelas em que temos verbos modais, aspectuais e de movimento selecionando infinitivos (cf. RIZZI, 1982):

- (3) a. O João quis-me visitar. [PE]
 b. O João quis visitar-me.
- (4) a. Gianni vuole leggerlo. [Italiano]
Gianni quer ler.INF.o.CL
 b. Gianni lo vuole leggere.
Gianni o.CL quer ler.INF
 'Gianni o quer ler/quer lê-lo.'

O português brasileiro (PB) e o francês, porém, sofreram uma mudança sintática em que perderam a subida de clítico em casos como em (3)-(4). Porém, o PB, ao contrário do francês e de outras línguas românicas, também perdeu a subida de clítico em (1) e (2); o clítico de 1ª. e 2ª. pessoas é agora proclítico ao verbo não finito (cf. CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1992; GALVES, RIBEIRO e TORRES MORAIS, 2005):

- (5) a. João **tentou te ver.** [PB]
 b. João **pode te ver.**
 c. João **vai te ver.**
 d. João **está te vendo.**
 e. João **tinha me visto.**

O PB também aceita outras construções que não são encontradas em outras línguas românicas. Compare-se, por exemplo, com o português europeu (PE):

a) Perda de subida de clítico em passivas:

- (6) a. A carta **foi me enviada** ontem. [PB]
 b. A carta foi-me enviada ontem. [PE]

b) Duplicação de clíticos:

- (7) a. João **me mandou eu comer** a sopa. [PB]
 b. O João mandou-me comer a sopa. [PE]

c) Elementos intervenientes entre [aux+V] e entre [V_{Reestruturação} + V]:

- Negação:

- (8) a. Condenada recentemente por ter agredido duas manicures em 2004, Foxy Brown parece **ter não aprendido** sua lição. [PB]
b. Foxy Brown não parece ter aprendido a lição. [PE]

- Sujeito nominativo (focalizado):

- (9) a. ‘Roberto, eu **tentei eu enviar** meu convite a você.’ [PB]
b. Roberto, tentei enviar eu mesma o convite a você. [PE]

- Marcação excepcional de caso (ECM) com verbos causativos/perceptivos:

- (10) a. João **mandou eu comer** a sopa. [PB]
b. O João mandou-me comer a sopa. [PE]

Neste trabalho, proponho uma análise para essas particularidades do português brasileiro. Proponho que o PB perdeu a possibilidade de formação de predicados complexos, e, portanto, temos, como efeito, a ocorrência dessas estruturas na língua.

1 Sobre a estrutura de predicados complexos

Assumo que *predicados complexos* são dois (ou mais) constituintes que atuam como se fossem um único predicado verbal (cf. BOWERN, 2006, entre outros). Nas línguas românicas, algumas estruturas podem ser consideradas predicados complexos, aquelas que apresentam um verbo “auxiliar” e um outro verbo em sua forma não finita: a) Construções de reestruturação; b) Tempos compostos; c) Construções causativas (especialmente as chamadas *faire+ infinitive*, FI).

Podemos realizar alguns testes para detectar a presença do predicado complexo:

- a) Subida de clítico (*clitic climbing*): os clíticos associados ao verbo mais baixo ocorrem em adjacência ao verbo mais alto.
b) Movimento longo do objeto (*long object movement*): o objeto direto do verbo mais baixo é promovido a sujeito do verbo mais alto, especialmente em construções com *se* passivo.

Assumo uma estrutura biclausal para predicados complexos (cf. JULIEN, 2001, e também GIORGI; PIANESI, 1997), em que verbos na forma não finita são a realização de um segundo T na estrutura (T₂), considerado como T₂/Asp. Além disso, proponho

que, em toda estrutura de predicado complexo, temos um movimento de XP, i.é, um movimento do sintagma verbal não finito mais baixo para o especificador do V mais alto. Esse movimento é desencadeado por um traço EPP (*Edge Feature, EF*) que o V herda da sua projeção estendida v, como proposto em Chomsky (2004, 2005). Em predicados complexos, o sintagma verbal não finito sobe, portanto, para o especificador do V “auxiliar”, pois o T₂ é defectivo e, portanto, “transparente” para movimentos.

No entanto, proponho que o PB perdeu esse movimento de XP devido a mudanças nos traços de T não finito e, portanto, o PB não tem mais as estruturas de predicado complexo que propiciam a subida de clíticos¹.

Vejam, primeiramente, a estrutura que assumo para os predicados complexos.

1.1 Construções causativas (*faire+infinitive*)

Construções causativas são possíveis com verbos ditos causativos (11a) e verbos de percepção (11b)²:

(11) a. Jean fera laver la voiture à Marie. [Francês]

Jean fazer-FUT lavar-INF o carro a Marie

‘Jean vai fazer a Maria lavar o carro’

b. Maria viu sair o menino. [PE]

Podemos aplicar os testes para predicado complexo nessas construções, com o seguinte resultado:

a) Subida de clítico obrigatória com clítico acusativo (12a) ou dativo (12b):

(12) a. Jean la fera laver à Marie. [Francês]

Jean a-CL fazer lavar-INF a Marie

‘Jean vai fazer Marie lavá-lo’

b. Maria gli fa riparare la macchina. [Italiano]

1 Assumo a proposta de Roberts (2008) para cliticização. De acordo com esse autor, os clíticos são feixes de traços-φ (isto é, clíticos são φPs, e não têm traços D nem traços de Caso), e, sendo tais elementos, são alvos defectivos em relação à sonda, v* (que contém traços-φ e um traço-V): os traços formais do clítico estão apropriadamente incluídos no conjunto dos traços da sonda. O autor assume uma teoria cliticização e subida de clíticos em que o clítico se move de uma posição no vP mais baixo (dentro do vP em que é subcategorizado) para se incorporar ao verbo de reestruturação, como em (i), uma estrutura biclausal em que o verbo de reestruturação (V_R) seleciona um complemento TP (não fase):

(i) ... v [V_P V_R T_{TP} T [v_P v [V_P V ...

A cliticização, nos termos de Roberts, é desencadeada por *Agree*, quando os traços do incorporado, como vimos, estão apropriadamente incluídos naqueles do hospedeiro da incorporação. Crucialmente, a sonda não tem traços EPP para atrair o alvo neste caso. Por exemplo, para contextos de reestruturação, Roberts propõe que a propriedade essencial nesses casos é que o v cujo complemento estrutural imediato é o verbo de reestruturação tem a propriedade de *Agree* com o v mais baixo. Por isso, as propriedades do v mais baixo, incluindo os traços-φ que atraem o clítico complemento, são manifestadas como propriedades do v mais alto. A subida do clítico, portanto, é um caso padrão de movimento de clítico – o clítico pode, e, portanto, deve se mover.

2 Há uma diferença (semântica e estrutural) entre essas duas classes de verbos (cf. GUSTI, 1993; FELSNER, 1999), que não será abordada aqui.

Maria ele-CL fazer consertar-INF o carror
 ‘Maria faz ele consertar o carro’.

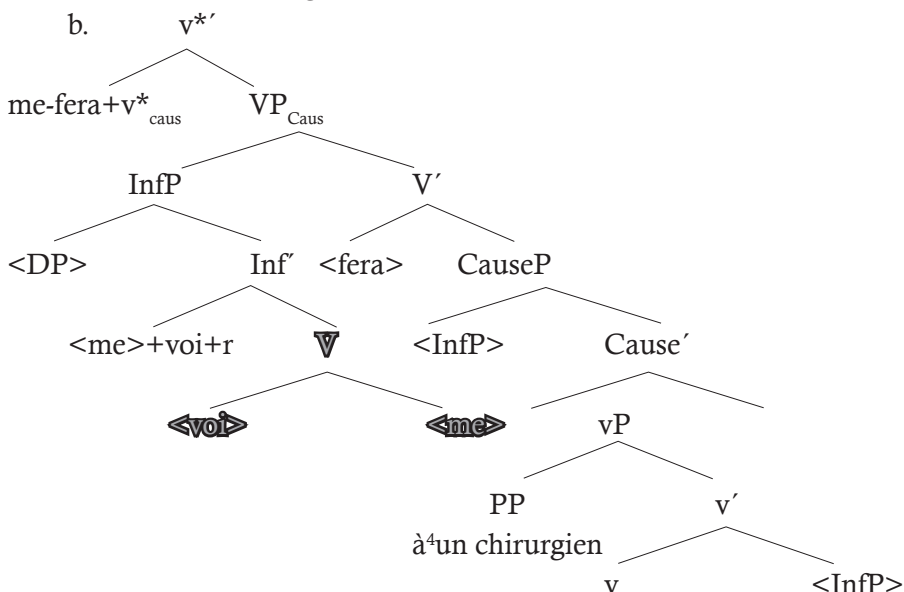
b) Movimento longo do objeto obrigatório:

(13) As bandas se fizeram ouvir. [PE]

Proponho, portanto, que o sintagma de Infinitivo (*Infinitive Phrase, InfP*) se move para o [spec, VP] do verbo causativo, de modo que os dois predicados fiquem próximos o suficiente para permitir a formação de um predicado complexo (cf. também ROBERTS, 2008). A projeção funcional abaixo do verbo causativo é CauseP, e o movimento do InfP é desencadeado pelo traço de margem, *Edge Feature (EF)*, que há no v* causativo, uma categoria funcional. CauseP e também V (como em CHOMSKY, 2005, 2006) atuam como “procurador” ou “substituto” (*proxy*), isto é, herdam os traços EF de v*, e concordam (*Agree*) com o InflP, que é uma categoria nominal/verbal. Daí, um predicado complexo é formado, v*-V_{não finito}. Os traços EF podem ser considerados como uma ‘necessidade nominal’ da categoria funcional de natureza verbal³ que irá “sondar” um nominal. O v mais baixo é defectivo (isto é, não tem traços-φ, cf. ROBERTS, 2008), e, portanto, não é uma fase, e o InfP pode subir.

(14) a. Jean me fera voir à un chirurgien. [Francês]

Jean me-CL fazer-FUT ver-INF a um cirurgião
 ‘Jean fará um cirurgião me ver’



3 Alboiu (2006) relaciona os traços EF aos traços μ D. Assumo que, devido ao caráter da sonda aqui, o alvo deve ter um traço nominal/verbal, uma vez que a relação sonda/alvo forma um predicado complexo.

4 à é inserido como licenciador do Caso em [spec, vP] (cf. ROBERTS, 2008).

Em (14b), o verbo se move para o núcleo Inf (representado aqui como *-r*) e o clítico se move para a margem de Inf – o restante da fase é transferido, representado aqui em fonte *relevo*. A cliticização é obrigatória na fase *v**, uma vez que temos EF em V herdados de *v*.

1.2 Tempos compostos

Assumo uma estrutura biclausal para tempos compostos, seguindo Julien (2001),⁵ como mencionado acima. Nessas estruturas, também podemos fazer os testes para predicado complexo:

a) Subida de clítico:

(15) O João não me tinha visto. [PE]

b) Movimento longo do objeto:

(16) Os documentos estão-se a entregar. [PE]

Nos tempos compostos das línguas românicas, a próclise ao auxiliar flexionado é obrigatória. A adjacência entre o auxiliar e o particípio não pode ser quebrada:

(17) a. Gianni m'ha baciato. [Italiano]

Gianni me-CL tem beijado

‘Gianni me beijou.’

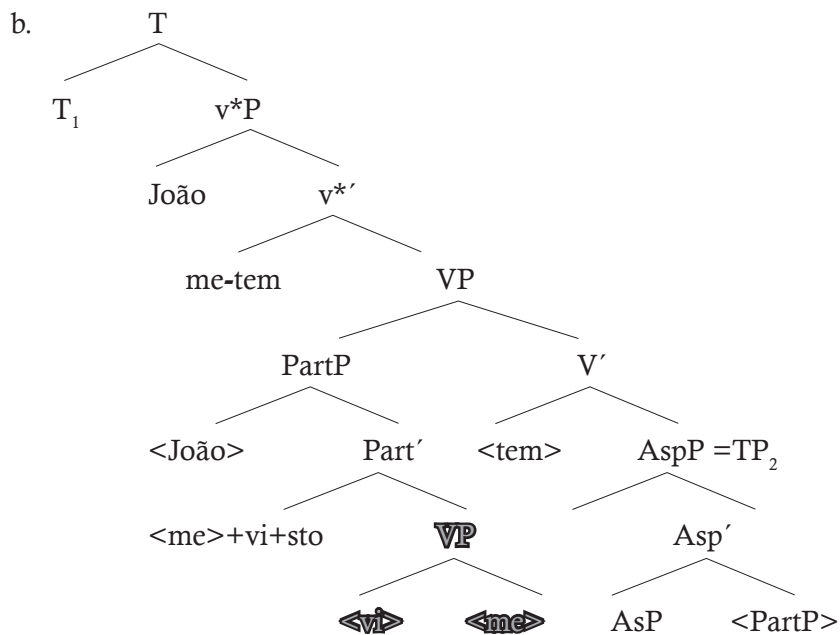
b. *Gianni ha baciatome.

c. *Gianni mi ha non baciato.

O movimento da Participle Phrase (PartP) para [spec, V] é também desencadeado pelos traços EF do verbo auxiliar (funcional), *v** (uma “necessidade nominal”, que procura um traço nominal/verbal), que é herdado de *v* e passado a V_{auxiliar} . O sujeito é alçado de sua posição em [spec, PartP] para o [spec, TP₁], atraído pelo traço EF de C-T, como usual.

⁵ Julien (2001, p. 132) diz: “the progressive is a nonfinite present, the perfect is a nonfinite past, and the prospective is a nonfinite future.”

(18) a. João não me tem visto. [PE]



1.3 Construções de reestruturação

Assumo também uma estrutura biclausal para as construções de reestruturação, seguindo Julien (2001). Abaixo, seguem os testes para predicado complexo:

a) Subida de clítico:

(19) La volevo chiamare ieri. [Italiano]

CL eu-quis chamar-INF ontem

‘Eu a quis chamar ontem’

b) Movimento longo do objeto:

(20) Na política, querem-se resolver os problemas. [PE]

Chomsky (2001a) assume que Caso NOMINATIVO (NOM) é valorado em *agreement* com uma sonda que é φ -completa (i. é, não é defectiva) (cf. HORNSTEIN, 2003, entre outros). T_2 é **defectivo** e não pode valorar o Caso do sujeito:

(21) v [_{VP} V [_{TP2} (SUJ) $T_{2[\text{defectivo}]}$ [_{VP} (SUJ) v [_{VP} V

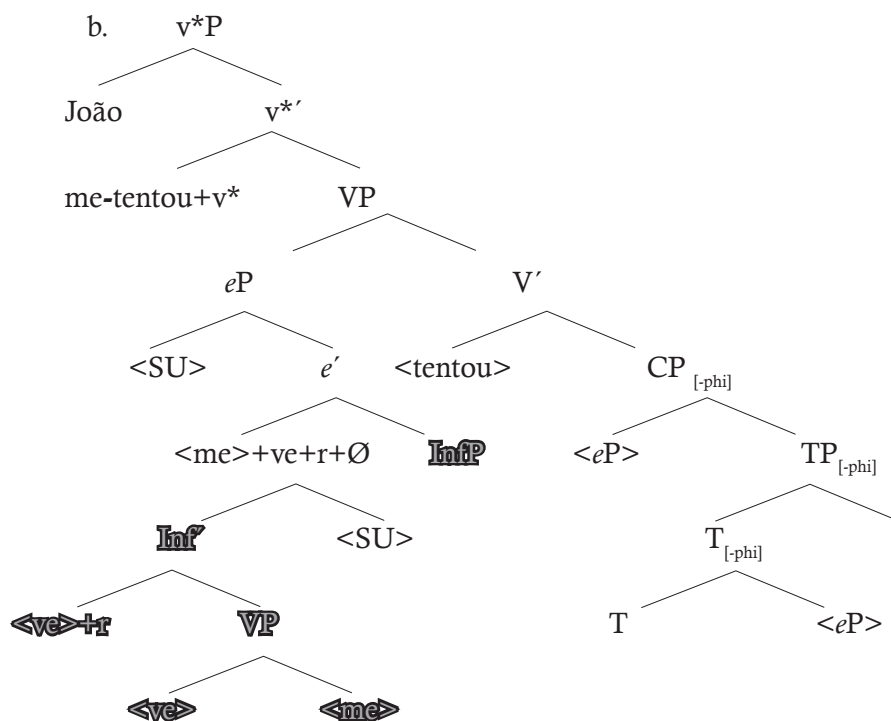
Proponho o movimento de InfP para uma posição de onde a sonda v^* pode incorporar o alvo defeectivo, o clítico.⁶ Contrariamente a Roberts (2008) e seguindo Chomsky (2005, 2006) e Alboiu (2006), assumo que os complementos em construções de reestruturação são complexos **C-Ts defectivos**. Temos, portanto:

(i) O movimento do InfP será primeiramente para [spec, CP], desencadeado pelo EF de C-T.

(ii) Este movimento é possível devido ao caráter preposicional/complementizador do marcador de infinitivo (*to* em inglês, *e* em italiano, francês, ou \emptyset em português, espanhol).⁷

(iii) Assumo que esse elemento é um núcleo (aqui representado por *e*) ao qual o infinitivo e os clíticos se incorporam:

(22) a. João não me tentou ver.



6 Para Roberts (2008), há movimento de VP para T, uma vez que ele assume que os verbos de reestruturação selecionam TPs defectivos. O autor propõe a seguinte estrutura para reestruturação e subida de clítico:

(i) ... $v^* [_{VP} V [_{TP} T [_{VP} v [_{VP} V CL]]]]$

7 Esta análise leva em conta o fato de que tem sido notado há algum tempo que esses elementos têm propriedades que os relacionam com C. Raposo (1986, 1989) trata o *-r* do infinitivo em português como um complementizador verdadeiro, deslocado e em distribuição complementar com *que*. Kayne (1999) também desenvolve uma análise que expressa a relação entre infinitivos e as preposições *de/di* (italiano, francês) via movimento. Essas preposições atraem o infinitivo para o [spec, CP] em estruturas como *Jean a essayé de chanter* em francês. Cf. também os 'prepositional complementizers' em Rizzi (1982, ch. 3).

Em (22), temos: a) o movimento do infinitivo (= *to*-infinitive) *eP* desencadeado pelo EF em C; b) C-T não tem traços- ϕ , e, portanto, C não é uma fase,⁸ o que permite o movimento subsequente de *eP* para [spec, V], desencadeado pelo traço EF em *v**, a fase.

Sintagmas Infinitivos (*Infinitive Phrases*) em construções de reestruturação não são infinitivos nus (*bare infinitives*). Infinitivos nus são encontrados em FI (e também em estruturas ECM com verbos causativos/perceptivos).⁹ Os Infinitivos na reestruturação estão abaixo de *e* (=to) e não são fases.¹⁰

Em português, esse elemento – agora nulo (\emptyset), uma vez que a vogal *-e* do morfema original foi perdida – é um elemento que constitui uma fase, uma projeção funcional (semelhante a um complementizador). O *-r* infinitivo, por outro lado, é o núcleo do InfP que está abaixo deste elemento funcional, e representa um traço nominal. O movimento para [spec, V] é desencadeado por um traço EF de *v**, que o passa para o núcleo *proxy* abaixo, V, e para o outro núcleo funcional abaixo de *v**. O domínio encaixado (C-T) não é uma fase quando não tem tempo independente. Esse será o caso ou quando não há C-T, como nas causativas FIs, ou quando há um C-T defeutivo.

A configuração onde ou não temos C-T ou temos um C-T defeutivo permite o movimento do XP (*PartP* ou *InfP*) para a formação do predicado complexo, uma vez que esse movimento vai ocorrer dentro de uma fase, o *v** superior. O movimento de XP posiciona o sintagma não finito próximo o suficiente do verbo finito superior e permite, por exemplo, subida de clítico, sem violação de minimalidade.

Podemos resumir esta seção da seguinte forma:

- a) Em FIs, não há C-T;
- b) Em tempos compostos, não há C-T, embora haja T₂ (=Asp) (cf. JULIEN, 2001);
- c) Em construções de reestruturação, há C-T, mas são categorias funcionais defecivas, pois são [-phi], e, portanto, não são fases;
- d) O fato de que não há uma categoria que se constitui um fase intervindo entre os verbos faz com que o predicado complexo seja formado através do movimento de XP, i. é, ou o movimento do InfP (na forma de um *eP* em construções de

8 Ver Alboiu (2006) e as referências ali contidas, para quem C não finito não tem traços- ϕ , mas a única sonda A-relacionada que C passa a T é o EF (uma ‘nominal deficiency’, nos termos da autora).

9 Infinitivos nus (*bare infinitives*) são diferentes de *to*-infinitives como os descritos acima, uma vez que os primeiros são eventivos (cf. FELSER, 1999 para complementos verbais infinitivos). Eles derivam do *AcI* (‘Acusativo com Infinitivo’) do latim, como apontado por muitos autores (WANNER, 1987; LOS, 2005; FELSER, 1999), e, assim, é plausível que tenham uma estrutura diferente.

10 Para essa proposta, apoio-me no fato de que esses infinitivos vêm de um elemento mais ‘nominal’, o complemento de um elemento preposicional/complementizador, que expressa propósito (*purpose*). De fato, Wanner (1987) mostra que os infinitivos em latim parecem ter sido usados para expressar propósito ou meta (como em inglês antigo, ver LOS, 2005), o que, por sua vez, se estende ao elemento verbal:

“The *-se/-re* ending derives from an old locative case form... from this situation of representing the goal in a goal oriented verbal meaning, the infinitive would have spread to the expression of pure verbal content due to its lack of person, number, case, tense, and voice marking in the form of an object to V₁.” (WANNER, 1987, p. 302). Roberts (2008) também assume esta camada extra para infinitivos em configurações de reestruturação, de modo a explicar as possibilidades de ênclise e próclise. O autor segue Cardinaletti e Schlonsky (2006), e assume que os infinitivos em italiano têm um *-e* que ocorre em distribuição complementar com enclíticos.

reestruturação ou de um *bare infinitive* em FIs), ou o movimento de PartP em tempos compostos.

2 O português brasileiro

O PB não tem mais os predicados complexos sintáticos comuns em línguas românicas, evidenciados em: a) construções de reestruturação, b) tempos compostos, c) causativas FI. Podemos chegar a essa conclusão quando observamos que:

a) O PB não tem subida de clítico (como observado em CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1992) ou movimento longo de objeto com verbos de “reestruturação” (modais, aspectuais, verbos de movimento):

(23) João pode/quer/vai possivelmente te ver. [PB]

b) O PB não tem subida de clítico ou movimento longo de objeto em tempos compostos:¹¹

(24) a. João está provavelmente te telefonando. [PB]

b. João tinha possivelmente me visto. [PB]

c) O PB não tem construções causativas do tipo *faire+infinitive* (FI).

As sentenças abaixo são todas boas em PE, pois PE permite a formação de predicados complexos com verbos causativos e de percepção. Ao contrário, são agramaticais em PB:

(25) a. *O João mandou comer a sopa à Ana. [PB]

b. *O João mandou-lhe comer a sopa. [PB]

c. *O João viu sair a Maria. [PB]

d. *O João viu-a sair. [PB]

e. *O João mandou-a comer à Ana. [PB]

Proponho que o PB não tem predicados complexos, porque perdeu o movimento de XP que permitiria que esse predicado complexo fosse formado. Assim, o PB, embora seja considerado uma língua românica, não pode ter predicados complexos do tipo românico acima, pois não tem o contexto necessário para permiti-los, ou seja, o PB não tem um sistema C-T defectivo.

¹¹ Galves (2002) e Galves, Torres-Morais e Ribeiro (2005) apontam que temos aí uma evidência de que os clíticos em PB são clíticos-V.

2.1 Ausência de C-T_[defectivo]

Minha proposta faz uma predição para C-T₂: elementos relacionados à presença de um sistema C-T não defectivo, tais como sujeitos nominativos, sujeitos focalizados e negação sentencial, poderão intervir entre dois predicados. De fato, o PB permite tais ocorrências:

a) Possibilidade de sujeitos (focalizados) nominativos na oração mais baixa:

- Em configurações de “restruturação”:

(26) a. os capitalistas tentam eles moldar o sindicalismo para que seja flexível
(www.bergmann.ppg.br/?m=200505)

b. Bom, como voce entrou no mérito de descencia, acho que voce deveria voce rever o conceito antes de anunciar um produto por quase 3 vezes... (produto.
mercadolivre.com.br/MLB-67299273-monitores-ativos-de-audio dynaudio-
-bm5a-novos-na-caixa-_J)

c. Pára com essa coisa de deixar ser humilhada, pára de pedi-lo em casamento e pára de querer casar. O dia que você relaxar ele vai começar a ficar preocupado e vai ELE começar a querer casar, você vai ver só... (br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070927171739AADt6MQ)

- Em configurações de tempos compostos:

(27) a. uma vez que o governo Lula está ele mesmo fazendo as suas privatizações.
(www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=4251)

b. Desde já admito, posso perfeitamente ter eu percebido a conversa assim...
(http://bp3.blogger.com/_2PH0Em0ew3A/...kimangola.blogspot.com/feeds/posts/default/311125885720052829)

Assumo que TP₂ está relacionado a um sistema CP₂, a posição para foco contrastivo e identificacional (MIOTO, 2003), portanto, a leitura de foco contrastivo dos sujeitos nominativos é possível.¹²

- (28) a. [_{TP}tentei [_{FP} eu [_{TP} <eu> [_{VP} <eu> enviar meu convite a você...]]]]
 b. o governo Lula [_{TP} está [_{FP} ele mesmo [_{TP} <ele> [_{VP} <ele> fazendo ...]]]]

b) Presença de negação entre os verbos: podemos ter uma negação sentencial ocorrendo não somente antes do TP₁ (como nas línguas românicas), mas também antes do TP₂:

- Em configurações de “reestruturação”:

- (29) a. E EU VOU ESTAR DIZENDO QUE EU VOU NÃO ESTAR INDO
 (tonygoes.blogspot.com/2007/06/e-eu-vou-estar-dizendo-que-eu-vou-no.html)
 b. Não só mais um blog, não só as mesmas coisas de sempre, não só... não só... não só. hoje eu vou não rimar nada com nada, e não estou nem ligando...
 (eunamultidao.blogspot.com/)
 c. Ao contrário, as opiniões são super bem vindas a esse blog... só tenho a dizer que antes eu não via a tv aberta e agora vou não ver a tv digital aberta. (tvdigitalbr.wordpress.com/2007/11/30/de-zero-a-dez/)

- Em configuração de tempos compostos:

- (30) a. Posso lhe dar mais informações e fazer o upload, mas só amanhã pois, pasme, minha conexão é discada e eu estou não trabalhando com meu servidor..
 (xoops.eti.br/newbb+viewpost.uid+2077.htm)

¹² Em PE, podemos ter uma estrutura focalizada com o *pronome+mesmo* ('he himself'):

(i) lá levou o Porsche direito até final, onde mais tarde **tentou ele mesmo** solucionar o problema. (www.velocidadeonline.pt/noticias2002/montanha/24062002_1.htm)

Crucialmente, porém, a construção com foco é impossível se temos um predicado complexo, i. é, uma estrutura com subida de clíticos:

(ii) a. *O João quis-me ele visitar. [PE]
 b. *O João pode-te ele dizer a verdade.
 c. *O João vai-te ele dizer a verdade.

De acordo com Gonçalves (1999) e Gonçalves e Costa (2002), é possível ter um pronome focalizado somente com alguns verbos. Contudo, este pronome vem depois do verbo na oração mais baixa. Se a projeção de foco contrastivo é à esquerda de TP, vemos que todo o grupo verbal se move para [Spec FP] em PE:

(iii) a. Os jornalistas querem entrevistar eles o Ministro. (G&C, 2002, (39a), p. 25)
 b. O João ousou fazer ele o trabalho da Marta. (G&C 2002, (173), p. 67)
 c. *O João tinha comprado ele o jornal. (G&C 2002, (39b), p. 25)
 d. *O João vai fazer ele o jantar. (G&C 2002, (174a), p. 67)
 e. *O João pode fazer ele o jantar. (G&C 2002, (174b), p. 67)
 f. *O João está a fazer ele o jantar. (G&C 2002, (174c), p. 67)

Note-se que *ousar*, em (iiib), é um dos verbos que não permite reestruturação em PE (cf. GONÇALVES, 1999).

b. E eu tenho não vivido todos esse anos, em que de forma sistemática fomos separados pelas circunstâncias... (ocioquasecriativo.zip.net/arch2006-03-01_2006-03-15.html)

c. Condenada recentemente por ter agredido duas manicures em 2004, Foxy Brown parece ter não aprendido sua lição.

(<http://territorio.terra.com.br/canais/canalpop/noticias/ultimas.asp?noticiaID=11967>)

d. Você reza e não sabe onde está Jesus, e ainda mais porque parece que Jesus está não fazendo nada. Não temos resposta para este mistério. ... (www.cancao-nova.com/.../cobertura.php?cod=58&pre=196&tit=)

c) Ausência de ECM: o PB não tem construções FI e, portanto, as construções causativas são sempre analíticas:

(31) a. João mandou a filha comer a sopa.

b. João viu a filha comer a sopa.

Ao contrário de outras línguas românicas que têm esse tipo de causativa (o PE, por exemplo) e ao contrário do inglês, o PB não apresenta ECM nessas construções:¹³

(32) a. Naquela corrida que a equipe mandou ele dar a posição, tinha que mandar(blog.estadao.com.br/.../?title=briga_que_vira_ate_comercial_de_televisa&more=1&c=1&tb=1)

b. Deixa eu te levar pra ver o mundo, Baby. Deixa eu te mostrar o melhor que eu posso ser ... (www.virtuasy.com.br/blog/index.php?cat=28 - 21k)

c. vcs não acreditam o que ela viu eu fazer e ta imitando igualzinho! ... (luanaminhvida.weblogger.terra.com.br/200406_luanaminhvida_arquivo.htm)

Não há, além disso, outras estruturas ECM:

(33) a. - E então Marcião? O que vc está achando daquela “discussão” no Orkut no tópico, sobre a divulgação da MATILDE?

- Então, ronaldo. Acredito ela ser contundente, mas o jeito que está sendo levada, eu desconfio...

(escolalivredeteatro.blogspot.com/2006/10/novos-autores-tm-leitura-na-elt.html)

¹³ Gonçalves (1999) afirma que verbos ECM não formam predicados complexos em PE. Mas o fato de que não temos construções ECM no PB deve ser explicado.

As construções causativas ECM no PE podem ocorrer com o infinitivo flexionado ou não flexionado. Em PB, embora construções causativas sejam possíveis com o infinitivo morfologicamente flexionado, temos também a ocorrência do infinitivo morfologicamente não flexionado, (34):

- (34) Jesus perguntou: ‘O que é que Moises mandou vocês fazer?’
(expressa.com.br/edicoes/2007/maio/230507/opiniaio.php?=home.opino)

Parece, portanto, que T_2 em PB atua como se fosse um T do infinitivo flexionado. Este é um resultado surpreendente, mas justificado, se pensarmos que temos um sistema C-T em PB semelhante ao infinitivo flexionado do PE, ou seja, o T_2 não é defectivo em PB.

d) Estruturas de controle:

Estruturas de controle obrigatório e estruturas volitivas proíbem os infinitivos flexionados (cf. SITARIDOU, 2002, entre outros). Contudo, em PB, uma vez que o T_2 é de uma natureza diferente, podemos encontrar tanto estruturas de controle obrigatório quanto estruturas de controle não obrigatório com infinitivos flexionados (com propriedades distintas do infinitivo flexionado do PE, no entanto):

- (35) a. E a gente fica tentando eles fazerem as pazes... (videolog.uol.com.br/video.php?id=116886)
b. ok eu sei que podem estar tentando você a forçar a comprar o de 3 anos, mais fica estranho ter a opção de 2 anos né ? (www.kadu.com.br/node/2760)

Como esperado, também encontramos infinitivos flexionados com verbos de controle obrigatório:

- (36) a. O Brasil não é apenas futebol, Rio de Janeiro, e agora o mais novo tópico que compram almas, ou vidas, que tentam não serem vendidas por dinheiro. ... (lise.weblogger.com.br/)
b. Não há genéricos para o VIH, embora alguns países, como o Brasil e a Índia, não sabem do que falam devem pelo menos não comentarem pois só ficam mal, ...sociedade-civil. (blogspot.com/2007/10/podemos-mesmo-confiar-nos-genricos.html)

e) Outras possibilidades para infinitivos flexionados: estes fatos mostram que o Caso Nominativo está sendo atribuído/chechado:¹⁴

¹⁴ Isso porque, embora não esteja presente uma “estrutura canônica de infinitivo flexionado”, temos o T_2 não finito não defectivo do PB, que deve estar permitindo essas estruturas.

- (37) a. pede para matarem os integrantes do MST e do PT e ateus e humanistas
 não parecem verem problema na questão, eu repassarei essas “informações”...
 (br.groups.yahoo.com/group/ceticismoaberto/message/)
 b. Para tal dizer que elas parecem gostarem de brigar mais por que questoes
 de amigas, o proprio namorado alguma coisa deixa a lado. (br.answers.yahoo.
 com/question/index?qid=20070627034441AANeL3t)

f) Ausência de causativas FI: o PB perdeu as construções causativas FIs, provavelmente devido ao fato da existência de uma outra possibilidade de formação de causativas, aquela que é possível com o infinitivo flexionado, a causativa-*make*, como mostrarei abaixo – os infinitivos flexionados permitem os sujeitos nominativos nas causativas. Esta perda ocorreu em conjunto com outra mudança no PB, a redução do conjunto dos traços- ϕ em C-T em sentenças finitas.

Como argumentado por Galves 1993,¹⁵ o PB perdeu o traço [pessoa] no T finito. Nunes (2007), baseado nos trabalhos de Ferreira (2000) e Rodrigues (2002), propõe que o T finito do PB tem agora somente [número].¹⁶

Contudo, o mesmo empobrecimento aconteceu ao infinitivo flexionado em PB, uma vez que a morfologia também ficou reduzida nesse paradigma – temos somente a forma flexionada para a 3ª. pessoa do plural, ou seja, a terminação *-rem* permaneceu. Proponho que não só o T finito e o T¹⁷ do infinitivo flexionado no PB sofreram empobrecimento, mas a mudança também atingiu todos os Ts não finitos (ver também abaixo, sobre a mudança diacrônica). A evidência para essa proposta pode ser encontrada no fato de que o PB permite sujeitos nominativos para causativas:

- (38) a. João me mandou eu comer sopa. (clitic doubling)
 b. João mandou eu comer sopa. (ausência de ECM)

A não defectividade de T está restrita à presença de somente um traço, [número], como também proposto por Nunes (2007) para o T finito em PB.

Resumindo, o fato de não haver subida de clítico em PB é explicado pelos seguintes aspectos da língua:

15 Este empobrecimento morfológico é desencadeado, de acordo com Galves (1993), pela falta de contraste entre a 2ª. e a 3ª. pessoas no paradigma verbal. De acordo com Galves, [pessoa] é um traço formal, não semântico e tem somente dois valores: + e -. Em PB, a 3ª. pessoa singular é [-pessoa, -número], e a 3ª. pessoa do plural é [+número].

16 Nunes (2007) propõe dois possíveis Ts, vistos em (i), para o T finito em PB:

(i) T ϕ -completo finito a T_[número, pessoa] (T em orações matrizes)
 T ϕ -incompleto finito a T_[número] (T mais baixo em estruturas de alçamento)
 Este fato seria devido ao paradigma morfológico empobrecido do PB.

17 Ver Pires (2002) para uma observação semelhante em relação aos infinitivos flexionados em contextos de não ECM em PB.

(i) Não temos a formação de predicados complexos sintáticos românicos em PB, uma vez que o EF da fase v* não pode “sondar” através das categorias C-T_[+phi], que determinam uma fase e tornam opaco o seu conteúdo interior.

(ii) O movimento de XP que forma predicados complexos não pode ocorrer em PB.

(iii) Com a ausência completa dessas causativas em PB, a única possibilidade para estruturas causativas é aquela do *tipo ECM*, embora não haja ECM também nesse caso, uma vez que o sujeito nominativo é possível devido à presença de um C-T_[+phi].

O PB teria, então, as seguintes estruturas:

a) Causativas:

(39) a. João me mandou comer sopa.

$[_{v^*} \text{me} + \text{mandou} + v^*] [_{VP} <\text{mandou}> <\text{me}>] [_{CP(+phi)}] [_{TP(+phi)}] \text{PRO} [_{T'}] [_{VP} <\text{PRO}>] [_{VP} \text{comer sopa}]$

b. João me mandou eu comer sopa.

$[_{v^*} \text{me} + \text{mandou} + v^*] [_{VP} <\text{mandou}> <\text{me}>] [_{CP(+phi)}] [_{TP(+phi)}] \text{eu} [_{T'}] [_{VP} <\text{eu}>] [_{VP} \text{comer sopa}]$

c. João mandou eu comer sopa.

$[_{VP} \text{mandou}] [_{CP(+phi)}] [_{TP(+phi)}] \text{eu} [_{T'}] [_{VP} <\text{eu}>] [_{VP} \text{comer sopa}]$

b) “Reestruturação” (i. é, ausência de reestruturação):

(40) João tentou me ver.

$[_{VP} \text{tentou}] [_{CP(+phi)}] [_{TP(+phi)}] \text{PRO} [_{T'}] [_{VP} <\text{PRO}>] [_{v'} \text{me} + \text{ver}] [_{VP} <\text{ve}> <\text{me}>]$

c) Tempos perifrásticos (ter+particípio):

(41) João tinha me visto.

$[_{T'} \text{tinha}] [_{TP(+phi)}] \text{João} [_{VP} <\text{João}>] [_{v'} \text{me} + \text{visto}] [_{\text{partP}} <\text{vi+sto}>] [_{VP} <\text{vi}> <\text{me}>]]]]$

Se essa análise para o PB está correta, predizemos que o PB tem estruturas não finitas peculiares, em que infinitivos flexionados e não flexionados são semelhantes e participípios parecem ter a função de um verbo lexical flexionado. Essa proposta prediz também que, em um contexto de infinitivo não flexionado canônico nas línguas românicas, ou seja, nas construções de reestruturação e também de alçamento, poderemos encontrar infinitivos flexionados no PB. De fato, encontramos, abaixo, algumas sentenças extraídas de *blogs*:

(42) a. vidas, que tentam não serem vendidas por dinheiro...

b. não sabem do que falam devem pelo menos não comentarem

- c. pessoas somente querem levarem vantagens e fazerem show para se aparecer
- (43) a. muitos parecem amarem mais o demonio q Deus
- b. Pareciam eles mesmos estarem dentro de uma, coisa estranha

Em resumo, minha proposta teórica para o PB sustenta que:

(i) Os predicados complexos são formados pelo movimento de um sintagma não finito, movimento de XP, para o especificador de um V flexionado superior.

(ii) Este movimento é desencadeado pelos traços EF desse V, herdados de uma categoria funcional v* (CHOMSKY, 2005, 2006), e é possível quando o domínio encaixado a esse V (um TP₂) não tem tempo independente (i. é, ou não há um sistema C-T, ou há um T₂ defectivo).

(iii) A noção de fase é importante: uma fase é um CP ou vP, mas não um TP ou um sintagma verbal nucleado por H que não tenha traços-Φ: nem o TP finito nem o sintagma verbal passivo/inacusativo é uma fase (CHOMSKY, 200, p. 106-107).

(iv) C-T, i. é, o nível da fase define as condições para a dêixis temporal (i. é, o valor do tempo não anafórico) em T. A noção de finitude está ligada a essa noção (cf. NIKO-LAEVA, 2007).

3 A mudança diacrônica

Por que o PB perdeu o movimento de XP que permitia a formação de predicados complexos? Apresento a hipótese de que:

(i) a perda de movimento de XP começa, em PB, com a perda das causativas FI;

(ii) a perda dessas causativas é possível devido a:

- causativas com estruturas ambíguas (possibilidade de C-T_{2[defectivo]} ou C-T_{2[não defectivo]})
- evidências mais fortes para uma análise com C-T_[não defectivo]

O português, dentre as línguas românicas, é a única que permite causativas ECM. Essas construções ocorrem com verbos causativos e de percepção (65a, b), como em inglês (65c, d) (cf. GUASTI, 2006 e também GONÇALVES, 2000, entre outros) e não seriam predicados complexos:

- | | |
|--|----------|
| (44) a. João mandou-me comer a sopa. | [PE] |
| b. João viu-me comer a sopa. | [PE] |
| c. John made me eat the soup. | [Inglês] |
| d. John saw me eat the soup. | [Inglês] |
| (45) a. *João acredita-me/me acredita ser inteligente. | [PE] |
| b. John believes me to be intelligent. | [Inglês] |

É importante notar que os verbos causativos e de percepção também permitem infinitivos flexionados (cf. MARTINS, 2004; GUAISTI, 2006), com nominativo no sujeito encaixado:

- (46) a. O professor mandou os meninos apagarem o quadro. [PE]
b. João viu os policiais saírem. [PE]

Martins (2004) defende que no Português Antigo (PA) temos tanto as construções causativas FI quanto as construções causativas ECM. O infinitivo flexionado do português começa a aparecer em orações complemento de verbos ECM (i. é, causativos e de percepção) a partir do século XVI. O infinitivo flexionado com as causativas ECM ocorre devido à possibilidade de uma oração infinitiva flexionada obrigatória em construções de coordenação e elipse. No século XVI, as sentenças com verbos causativos e de percepção aparecem nos dados, mas algumas são FI e outras são ECM.

Por que o PB perdeu esse movimento de XP? A resposta pode ser:

- ou perdemos o gatilho para o movimento (i. é, os traços EF)
- ou o contexto que permitia o movimento foi perdido.

Uma vez que traços EF são inerentes às fases (CHOMSKY, 2005, 2006), assumo que não podem ser perdidos. O movimento de XP (do verbo não finito) somente é possível se o domínio encaixado (C-T₂) não tem tempo independente: ou não há C-T ou o C-T é defectivo. Houve no PB uma mudança na constituição de traços de T das sentenças finitas, como demonstram vários estudos sobre o enfraquecimento da concordância.

Minha hipótese é que essa perda afetou o T não finito, a partir da evidência positiva de que há uma estrutura ambígua para a constituição de traços de T não finito: a estrutura de causativas com infinitivo flexionado. A perda do movimento de XP em causativas (FI) é devido, portanto, à existência de uma outra alternativa sem movimento, em que temos T não finito e não defectivo.

A cronologia da mudança atesta a probabilidade de essa hipótese ser verdadeira. Olhando os dados de Davies e Ferreira (2006), observamos que, no PB, a partir do século XVI, as causativas FI são as primeiras construções de predicado complexo a desaparecer. Além disso, as causativas produtivas são aquelas cujos domínios encaixados têm um C-T.

Esse fato evidencia a probabilidade de a hipótese estar correta, i. é, as causativas sendo reanalisadas como contendo Ts não defectivos (proporcionando assim evidência para ausência de movimento XP).

As seguintes sentenças ocorrem nos dados: a) causativas ECM; b) causativas com infinitivo flexionado. Dado o empobrecimento geral da morfologia de concordância sujeito-verbo em PB, documentado em vários trabalhos, C-T veio a ter um conjunto reduzido de traços- Φ nas sentenças finitas no PB. O PB perdeu o traço [pessoa] (cf. GALVES, 1993) e tem agora somente o traço [número] (cf. NUNES, 2007), uma consequência (ou causa) da perda de sujeitos nulos referenciais (cf. DUARTE, 1995).

Sentenças causativas como (47), provavelmente abundantes, eram altamente ambíguas: T não finito poderia ser ou não ser defectivo:

(47) João mandou o menino sair.

$T_{[defectivo]}$ = infinitivo não flexionado

$T_{[não\ defectivo]}$ = infinitivo flexionado

Em uma sentença como (47), qual é o estatuto de *o menino sair*?

a. tenho um acusativo com um infinitivo não flexionado? Ou seja, $C-T_{[defectivo]}$?

b. tenho um nominativo com infinitivo flexionado? $C-T_{[não\ defectivo]}$?

Evidência proveniente de outros dados da língua mostrava a direção da opção (b), ou seja, sujeitos nominativos não nulos e morfologia de concordância empobrecida no verbo. Em outras palavras, os sujeitos nominativos não nulos ocorriam, afinal, e eram possíveis em outras sentenças da língua, desde que ocorressem na presença de um T empobrecido ($T_{[número]}$)...

Portanto proponho que no PB houve a seguinte mudança:

(48) Uma estrutura não finita que contém um $C-T_{[defectivo]}$ é perdida em favor de uma estrutura semelhante que contém um $C-T_{[não\ defectivo]}$.

Esse fato pode ter feito a balança pesar para a opção (b) na sentença em (47).

Exemplos do *corpus* (DAVIES; FERREIRA, 2006-) mostram que:

a) Construções FI são raras em todo o *corpus*, mas são mais comuns com verbos de percepção. Aparecem do século XVI ao XIX, com subida de clítico:

(49) dissimulada, porém viva, ouvi, e percebi o que alguns disseram, **vendo me passar**. - Míope ou antes cego, como dantes! – Perdeu o. (18:Macedo:Luneta)

b) Quando há próclise ao verbo causativo, temos, na maioria das vezes uma causativo ECM com sujeito nulo. Essa estrutura ocorre dos séculos XVI ao XX:

(50) a. de mais importancia, e vigiavão-se toda a noite aos quartos. EI-rey **lhes mandou dizer** que se deffendessem, e que lhe pezava muito porque os não podia favorecer. (15:Frois:Japam1)

b. de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que **nos mandou dar** Sua Magestade, claro está que não bastavaõ, nem para as despesas (16:Costa:Furtar)

c) Há muito poucos exemplos de subida de clítico (sujeito) com causativas ECM:

(51) a. fizesse suprimir as estampas e romper as chapas, e no mesmo tempo **me mandou escrever** a carta inclusa pelo Marquês de Torcy, ministro e secretário de Estado (17:Brochado:Cartas2)

d) Causativas ECM (com clíticos de objeto direto) estão presentes no *corpus* desde o século XVII, algumas vezes com sujeito nulo.

e) Pronomes nominativos em causativas aparecem no século XIX. Antes disso, o sujeito nominativo é raro:

(52) o quarto e cerra a porta. Eu mando ele procurá Sinhá. **Aí manda ele botá** sentido, e manda dinheiro e papé pra comprá mezinha na botica. (18:Rocha:Dusá)

f) Sujeitos nominativos em causativas com infinitivo (flexionado, mas empobrecido?) aparecem no século XX:

(53) Lutar pra dar uma vida melhor pros meus meninos. Quem sabe até poder **mandar eles estudar** numa escola em Marabá, ou em São Félix. (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

g) A perda de subida de clítico com verbos de reestruturação não ocorre antes do século XIX:

(54) a. Ora vejam lá a figura de quem **quer me dar** regras.. quem te chamou aqui, intrometido? (18:Guimarães:Escrava)

b. Lembras-te de um dia **ter te falado** de uma viúva bonita, minha vizinha, por quem andava muito apaixonado (18:Azevedo:Contos)

Conclusão

Em PB, as FI são completamente perdidas. O movimento de XP em construções de reestruturação também não é mais possível, C-T não finito é realizado como C-T_[não defectivo]. O movimento de XP em tempos compostos tem o mesmo destino: T₂ (=Asp) é reanalisado como T_[não defectivo] (e, se Foco Contrastivo está relacionado a C, temos em PB a possibilidade de um sistema C-T ativo nestas construções como apontado acima). A configuração necessária para a subida do clítico não se encontra presente, já que não há movimento de XP.

Em relação à mudança no PB, temos, portanto, os seguintes momentos:

Momento 1:

(i) a possibilidade de verbos causativos e de percepção ocorrerem em estruturas ECM (com *bare infinitives*, C-T_[defectivo]) no português do século XVI, tanto com sujeitos nulos quanto com sujeitos não nulos, como uma alternativa para a estrutura FI;

(ii) a possibilidade de infinitivos flexionados (ou seja, C-T_[defectivo]) ocorrerem como complementos de verbos causativos e de percepção;

Momento 2:

(i) perda da morfologia verbal que leva a um paradigma mais empobrecido;

(ii) perda da morfologia de flexão para o infinitivo flexionado, levando a um infinitivo flexionado com morfologia também empobrecida, a par do que ocorre com os verbos finitos;

(iii) reanálise de C-T em construções de reestruturação como se apresentasse um “infinitivo flexionado”, com (T_[não defectivo]) e, portanto, impossibilidade do movimento do sintagma infinitivo, InfP;

Momento 3:

(i) perda de *Inf* (= *-r*) em infinitivos, e em construções de reestruturação;

(ii) reanálise T não finito em tempos compostos: perda de movimento de PartP nessas estruturas.

Referências

ALBOIU, Gabriele (2006). *Feature inheritance and case values in nominative-accusative systems*. Manuscrito.

BOWERN, Claire (2006). *Inter-theoretical approaches to complex verb constructions*. Manuscrito.

CARDINALETTI, Ana; SHLONSKY, Ur (2004). Clitic positions and restructuring in Italian. *Linguistic Inquiry*, 35, 4, p. 519-557.

CHOMSKY, Noam (2001). Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Org.). *Ken Hale: a life in language*. Massachusetts: The MIT Press. p. 1-152.

CHOMSKY, Noam (2004). Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, Adriana (Org.). *Structures and beyond: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press. v. 3, p. 104-131.

CHOMSKY, Noam (2005). *On phases*. Manuscrito, MIT.

CHOMSKY, Noam (2006). *Approaching *ug* from below*. Manuscrito, MIT.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 163-184.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael (2006). *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (1995). *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- FELSER, Claudia (1999). *Verbal complement clauses: a minimalist study of direct perception constructions*. Amsterdam: John Benjamins
- GALVES, Charlotte (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 387-408.
- GALVES, Charlotte (2002). Clitiques et accord en portugais du Brésil. In: SCHLIEBEN-LANGE, B.; KOCH, I.; JUNGBLUTH, K. (Ed.). *Der Dialog zwischen den Schulen. Soziolinguistische, konversationsanalytische und syntaktische Beiträge aus Brasilien*. Nodus-Verlag, Muenster. p. 131-154.
- GALVES, Charlotte; RIBEIRO, Ilza; TORRES-MORAIS, Maria Aparecida (2005). Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 4(2), p. 143-177
- GIORGI, Alessandra; PIANESI, Fabio (1997). *Tense and aspect: from semantics to morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- GONÇALVES, Anabela (1999). *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do Português Europeu*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, Ana; COSTA, T. (2002). *Auxiliar a compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Colibri.
- GUASTI, Maria Tereza (1993). *Causative and perception verbs: a comparative study*. Turim: Rosenberg e Sellier.
- JULIEN, Marit (2001). The syntax of complex tenses. *The Linguistic Review*, n. 8, p. 125-167.
- HORNSTEIN, Norbert (2003). On control. In: HENDRICK, R. (Ed.). *Minimalist syntax*. Malden: Blackwell.
- LOS, B. (2005). *The rise of the to-infinitive*. Oxford: Oxford University Press.
- MARTINS, Ana Maria (1994). Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus*, n. 6, p. 173-205.
- MARTINS, Ana Maria (2004). Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese. In: GESS, R. S.; ARTEAGA, D. (Ed.). *Historical Romance Linguistics: retrospective and perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 327-355.
- MIOTO, Carlos (2003). Focalização e quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 169-189.
- NIKOLAEVA, Irina (Ed.) (2007). *Finiteness: theoretical and empirical foundations*. Oxford: Oxford University Press.
- NUNES, Jairo (2007). A-over-A, inherent case, and relativized probing. Paper presented at the *Thirtieth Annual Colloquium of Generative Linguistics in the Old World (GLOW XXX)*, University of Tromsø.
- PAGOTTO, Emilio Gozze (1992). *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- RAPOSO, Eduardo (1986). Romance infinitival clauses and case theory. In: NEIDLE, Carol; NUÑEZ CEDEÑO, Rafael A. (Ed.). *Studies in Romance languages*. Dordrecht: Foris.

- RAPOSO, Eduardo (1989). Prepositional infinitival construction in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (Ed.). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer.
- RIZZI, Luigi (1982). *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris.
- ROBERTS, Ian (2008). *Clitics, head movement and incorporation*. Manuscript, University of Cambridge.
- SITARIDOU, Ioanna (2002). *The synchrony and diachrony of Romance infinitives with nominative subjects*. University of Manchester.
- WANNER, Dieter (1986). *The development of Romance clitic pronouns: from Latin to Old Romance*. Berlin: Mouton de Gruyter.

